

## Réquiem Alemão

*MARCELO DE PAIVA ABREU\**

Em meio às análises da rejeição da Constituição europeia pelos eleitorados da França e da Holanda, pouca atenção vem sendo dada às implicações da derrota da coalizão social-democrata e verde nas recentes eleições provinciais alemãs. Hoje só há coalizão vermelha e verde no plano federal. Dificilmente conseguirá sobreviver às eleições antecipadas, convocadas para o fim do ano.

No plano político, sua derrota quase inevitável resultará em enfraquecimento da coalizão europeia, que, a duras penas, serve de contraponto ao exercício mais extremado de unilateralismo pelo governo Bush. A credibilidade francesa em Washington é baixa, em meio à mais notável relação de amor e ódio entre grandes democracias registrada pela História recente. A posição alemã quanto à guerra no Iraque foi vital para viabilizar o desafio europeu à prepotência de Washington. A vitória da coalizão conservadora na Alemanha tornará a posição francesa ainda mais vulnerável, com ou sem Chirac. O cabedal político dos socialistas espanhóis é precário. Nem uma possível derrota de Berlusconi na Itália nem a provável substituição de Tony Blair por Gordon Brown no Reino Unido poderiam compensar a defecção alemã. A escolha de Edmund Stoiber, líder da União Social-Cristã bávara, como líder da coalizão de oposição teria sido alarmante, dada a sua postura em relação a temas como o pagamento de compensações checas a alemães dos sudetos. A escolha da democrata-cristã Angela Merkel remove apenas algumas das maiores preocupações, como mostram suas declarações contrárias à entrada da Turquia na União Europeia.

Esta guinada à direita no terreno político tem como pano de fundo a preocupante evolução da opinião pública alemã, especialmente quanto às reações à derrota em 1945. W. G. Sebald, em livro que causou grande celeuma (*Natural History of Destruction*, Random House, 2003), analisou com sutileza a singular aversão dos literatos alemães no pós-guerra ao tema do impacto dos bombardeios aliados sobre a população civil. O último livro de Günter Grass lembra outras esquecidas vítimas alemãs da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Em *Passo de Caranguejo* (Nova Fronteira, 2002), trata do afundamento de um superlotado navio alemão pelos russos, no início de 1945, que causou talvez 8 mil mortes, entre as quais as de muitos civis (e cerca de mil militares).

Com Jörg Friedrich, em obra sintomaticamente ainda não traduzida para o inglês (*L'Incendie*, Éditions de Fallois, 2004), começou a tomar corpo a idéia de que houve também um holocausto alemão, causado pela estratégia aliada de eleger a população civil como alvo explícito da guerra aérea. A tese parece absurda e certamente alimenta revisionismos explosivos do ponto de vista político. A experiência de Victor Klemperer, autor de diários que talvez sejam o melhor retrato do cotidiano da perseguição aos judeus sob o nazismo, é ilustrativa. Em fevereiro de 1945, era iminente a sua transferência da casa

onde estava confinado para um campo de concentração onde seria eliminado. O bombardeio de Dresden, que causou 70 mil mortes, permitiu sua fuga. Não é fácil lidar com a tenebrosa aritmética das conseqüências de guerras sobre populações civis.

Os danos da provável derrota de Schroeder não estarão limitados ao terreno político. O chanceler alemão, emulando o neotrabalhismo britânico, esteve empenhado nos últimos anos em fazer aprovar, sob o guarda-chuva intitulado Agenda 2010, amplo programa de reformas destinadas a aumentar a competitividade da economia alemã, com o apoio da oposição. As reformas mais importantes, conhecidas como Hartz, nome do chefe da comissão relevante, afetam o mercado de trabalho. As reformas sob Hartz IV, implementadas no início de 2005, reduzem o número de pessoas que se poderão qualificar a receber seguredesemprego, bem como o montante a ser pago mensalmente e os prazos durante os quais é possível receber tais pagamentos. Tornou-se muito mais estreito o leque admissível de escolha de um novo emprego pelos desempregados.

Atribui-se a sucessão de desastrosos resultados eleitorais para a social-democracia à impopularidade das reformas econômicas, combinada com a estagnação da economia no primeiro trimestre do ano. À raiz de discordâncias quanto às reformas, começam a se acumular evidências de fragmentação do partido. Oskar Lafontaine, o mercurial ex-líder do partido, ameaça deixá-lo e disputar a eleição em novo partido, unindo a esquerda da social-democracia e os ex-comunistas.

Paralelamente, o atual líder do partido, Franz Müntefering, destacou-se recentemente por declarações bombásticas contra o setor empresarial, referindo-se aos interesses financeiros que têm como alvo empresas tradicionais alemãs como 'nuvens de gafanhotos'. Tais declarações, combinadas com a recente iniciativa do governo de ampliar o escopo do salário mínimo para incluir todos os setores da economia, alimentam dúvidas quanto ao real compromisso do partido com o programa de reformas.

Se o governo tem acumulado resultados eleitorais espetacularmente ruins ao propor reformas que poderiam contribuir para melhorar o desempenho econômico da Alemanha, cabem dúvidas se a oposição vitoriosa terá espaço político para propor e implementar um programa de reformas capaz de dar conta do serviço. A oposição parece pretender continuar a manter bastante vagos seus próprios planos de reforma, ressaltando apenas que é mais confiável do que a dividida social-democracia. Parece difícil imaginar que a Alemanha possa contribuir de forma significativa para reverter o medíocre desempenho econômico da União Européia. A quase inevitável derrota de Schroeder será ruim para a Europa e também para o mundo.

\* **Marcelo de Paiva Abreu**, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor-titular do Departamento de Economia da PUC-Rio